

TRADUÇÃO **CHRISTIAN WERNER**

**ILÍADA** HOMERO



13 **Introdução** Christian Werner

43 **Da tradução**

67 **Personagens principais**

75 **ILÍADA**

681 **Bibliografia**

699 **Sobre o autor**

701 **Sobre o tradutor**

1

A cólera canta, deusa, a do Pelida Aquiles,  
nefasta, que aos aqueus impôs milhares de aflições,  
remessou ao Hades muitas almas vigorosas  
de heróis e fez deles mesmos presas de cães  
5 e banquete de aves – completava-se o desígnio de Zeus –,  
sim, desde que, primeiro, brigaram e romperam  
o Atrida, senhor de varões, e o divino Aquiles.  
Qual deus lançou-os na briga e os fez pelejar?  
O filho de Leto e de Zeus: com raiva do rei,  
10 atçou danosa peste no exército, e a tropa perecia  
porque a Crises, o sacerdote, desonrou  
o Atrida. Veio às naus velozes dos aqueus  
recuperar a filha trazendo resgate sem-fim,  
com a grinalda de Apolo lança-de-longe nas mãos,  
15 no alto do cetro dourado, e suplicou a todos os aqueus  
sobretudo aos dois Atridas, ordenadores de tropas:  
“Atridas e demais aqueus de belas grevas,  
a vós concedam os deuses que têm casas olímpias  
assolar a cidade de Príamo e chegar bem em casa.  
20 Libertai minha cara menina e aceitai este resgate,

venerando o filho de Zeus, Apolo lança-de-longe”.  
Todos os outros aqueus acharam por bem  
respeitar o sacerdote e aceitar o belo resgate;  
ao Atrida Agamêmnon, porém, não agradou,  
25 e ele o dispensou rudemente, dando a dura ordem:  
“Ancião, que eu não tope contigo junto às cavas naus:  
não te demores agora nem voltes mais tarde;  
receio que o cetro e a grinalda do deus não te protejam.  
Não libertarei tua filha; a velhice a pegará antes,  
30 longe da pátria, em nossa propriedade em Argos,  
ativa junto ao tear e procurando minha cama.  
Para a salvo voltares, não me provoques”.  
Falou, e o ancião temeu e obedeceu ao discurso;  
quieto, foi ao longo da praia do mar ressoante.  
35 Então afastou-se e, insistente, o ancião rezou  
ao senhor Apolo, ao qual gerou Leto bela-juba:  
“Ouve-me, Arco-Prateado, tu que zelas por Crises  
e pela numinosa Cila e reges Tênedos com poder.  
Esminteu: se te agradei ao cobrir tua morada  
40 ou se uma vez te queimei gordas coxas  
de touros e cabras, realiza-me esta vontade:  
com tuas setas paguem os dânaos pelo meu choro”.  
Falou, rezando, e Febo Apolo o ouviu  
e partiu dos cumes do Olimpo, irado no coração,  
45 com o arco sobre os ombros e a aljava tampada:  
as flechas estridulavam nos ombros do irado  
ao mover-se, e ele chegou semelhante à noite.  
Sentou-se longe das naus e no meio flechou;  
fero estrídulo subiu do arco prateado.  
50 Primeiro foi atrás de mulas e lépidos cães,

e então projéteis acuminados sobre os homens  
lançou; piras repletas de corpos ardiam sem cessar.  
Por nove dias, setas do deus corriam no bivaque,  
e no décimo Aquiles convocou a tropa à ágora.  
55 Isso pusera em seu juízo a deusa, Hera alvos-braços,  
pois se apiedou dos dânaos ao vê-los morrer.  
Então, após estarem reunidos, todos juntos,  
entre eles ergueu-se e falou Aquiles, veloz nos pés:  
“Atrida, agora creio que nós, de novo vagando,  
60 de volta retornaremos (caso escapemos da morte),  
se, juntas, guerra e peste subjugarem os aqueus.  
Pois interroguemos um adivinho ou sacerdote,  
ou um onirócrito (o sonho também vem de Zeus),  
que diria por que Febo Apolo ficou tão irado,  
65 se sua queixa é por prece ou sacrifício,  
a ver se o odor de ovelhas e de cabras perfeitas  
talvez aceite para de nós afastar o flagelo”.  
Após falar assim, sentou-se. Entre eles ergueu-se  
Calcas, filho de Testor, de longe o melhor áugure,  
70 que conhecia o presente, o futuro e o passado,  
e guiou as naus dos aqueus rumo a Ílion  
por meio de sua adivinhação, dom de Febo Apolo.  
Refletindo bem, tomou a palavra e disse:  
“Aquiles caro-a-Zeus, pedes que enuncie  
75 a cólera de Apolo, o senhor lançador-de-longe.  
Portanto falarei; tu, compreende e jura  
deveras me defender, solícito, com palavra e braço.  
Penso que irei enraivecer o varão que, poderoso,  
chefia todos os argivos, e os aqueus a ele obedecem.  
80 Superior é o rei quando se ira contra varão inferior:

se, quanto a sua raiva, no mesmo dia a engolir,  
no futuro, porém, sentirá rancor em seu peito  
até o consumir. Tu, reflète se me salvarás”.  
Respondendo, disse-lhe Aquiles, veloz nos pés:  
85 “Com muita coragem fala o dito divino, o que sabes.  
Por Apolo caro-a-Zeus, Calcas, a quem oras  
quando revelas ditos divinos aos dânaos,  
ninguém, se eu estiver vivo, vigiando sobre a terra,  
descerá mãos pesadas contra ti junto às cavas naus,  
90 aqueu nenhum, nem se mencionares Agamêmnon,  
que agora proclama ser, de longe, o melhor dos aqueus”.  
Então o adivinho impecável encorajou-se e falou:  
“Ele não se queixa de uma prece ou de um sacrifício:  
por causa do sacerdote a quem Agamêmnon desonrou,  
95 e não libertou sua filha nem recebeu o resgate,  
por isso Lança-de-Longe deu e ainda dará aflições.  
Antes não afastará para os aqueus a peste ultrajante,  
não antes de se devolver a jovem de olhar luzente ao pai,  
sem preço, sem resgate, e conduzir-se sacro sacrifício  
100 a Crises; propiciando-o, iríamos persuadi-lo”.  
Falou e sentou-se; entre eles ergueu-se  
o herói Atrida, Agamêmnon de extenso poder,  
atormentado: seu juízo se enegreceu ao se encher  
de muito ímpeto, e seus olhos pareciam fogo cintilante.  
105 Falou a Calcas primeiro, com males nos olhos:  
“Adivinho de males, nunca me falaste algo bom.  
Sempre te é caro, no ânimo, profetizar esses males  
e nunca disseste ou realizaste algum dito ótimo.  
Enuncias também agora, entre os dânaos, profecias:  
110 Lança-de-Longe lhes prepara aflições

porque ao radiante resgate da filha de Crises  
eu não quis aceitar, já que com ardor preferi  
tê-la em casa. De fato, antepoño-a a Clitemnestra,  
a esposa legítima, pois não é pior que ela  
115 em porte e aparência, no juízo e nos trabalhos.  
Ainda assim quero devolvê-la, se isso é melhor;  
prefiro a tropa sã e salva a estar destruída.  
Uma mercê, porém, logo me aprontem: que eu não seja  
o único dos argivos a ficar sem mercê; não convém.  
120 Todos percebem que minha mercê vai a outro lugar”.  
Respondendo-lhe o divino Aquiles defesa-nos-pés:  
“Majestosíssimo Atrida, de todos, o mais ávido de bens:  
como os animosos aqueus te darão uma mercê?  
Até onde sabemos, não há muita coisa coletiva;  
125 o que saqueamos das cidades foi distribuído,  
e não convém que a tropa o recolha e junte de novo.  
Quanto a ti, envia-a ao deus; os aqueus  
te compensarão três, quatro vezes, se acaso Zeus  
conceder que se aniquile a fortificada urbe de Troia”.  
130 Respondendo, disse-lhe o poderoso Agamêmnon:  
“Teomórfico Aquiles, embora sejas valoroso, não  
roubes na ideia: não me irás ultrapassar nem persuadir.  
Acaso queres, para manter tua mercê, que eu assim  
fique sentado carente, pedindo que eu a devolva?  
135 Se os animosos aqueus me derem uma mercê,  
adequada a meu ânimo, aceito a compensação;  
se não me derem, eu mesmo devo tomá-la,  
ou mercê tua ou de Ájax ou de Odisseu  
irei pegar e levar: terá raiva quem eu alcançar.  
140 Depois, porém, consideremos isso de novo;

agora, puxemos negra nau até o divino mar,  
com zelo reunamos remadores, nela a hecatombe  
ponhamos e ela mesma, Criseida bela-face,  
embarquemos; que um varão conselheiro seja o chefe,  
145 ou Ajax, ou Idomeneu, ou o divino Odisseu,  
ou tu, Pelida, o mais assustador de todos os varões,  
e sacrifique a Age-de-Longe e o propicie para nós”.  
Olhando de baixo, disse-lhe Aquiles, veloz nos pés:  
“És juízo-ladino e te cobres de desrespeito!  
150 Como tuas palavras persuadirão um aqueu expedito  
a fazer o percurso ou a combater varões com energia?  
Não vim por causa dos troianos lanceiros  
para cá combater, pois, contra mim, nada fizeram;  
nunca tangeram meu gado nem meus cavalos,  
155 e nunca na fértil Ftia grandes-glebas  
devastaram a colheita, pois entre nós e Troia  
há muito morro umbroso e um oceano ruidoso.  
A ti seguimos, sumo impudente, para te alegrares,  
e tentamos garantir tua honra, cara-de-cão, e a de Menelau,  
160 da parte dos troianos. Isso ignoras e não te preocupas;  
agora ameaças tu mesmo arrancar-me uma mercê,  
pela qual muito padeci, a qual me deram os filhos de aqueus.  
Mercê nunca tenho igual à tua quando os aqueus  
assolam uma cidade dos troianos, boa de morar;  
165 contudo, a maior parte da guerra encapelada  
meus braços realizam, e se ocorre uma partilha,  
tua mercê é muito maior, e levo uma pequena  
e querida na volta às naus, quando lutei até a exaustão.  
Agora irei para Ftia, pois é muito melhor  
170 ir para casa com naus recurvas, e não creio que para ti,

aqui sendo desonrado, gerarei riqueza e abastança”.  
Respondeu-lhe o senhor de varões, Agamêmnon:  
“Se o ânimo te incita, recua que não te persuadirei  
a ficar por mim; também outros me acompanham,  
175 sobretudo o astuto Zeus: recuperarão minha honra.  
És-me o mais odioso dos reis criados por Zeus;  
briga, guerras e combates sempre te são caros.  
Se és bem mais vigoroso, isso foi o que te deu o deus.  
Indo para casa com tuas naus e companheiros,  
180 rege os mirmidões; contigo não me preocupo  
nem considero teu rancor. Esta é minha ameaça:  
já que Febo Apolo tira Criseida de mim,  
a quem eu, com minha nau e companheiros,  
conduzirei, vou buscar Briseida bela-face,  
185 tua mercê, eu mesmo indo à cabana, para bem saberes  
quão superior a ti eu sou, e que outros se apavorem  
de se crer igual a mim e de rivalizar face a face”.  
Falou; o Pelida afligiu-se, e seu coração,  
no peito peludo, meditou dividido:  
ou iria puxar o gládio afiado da coxa,  
dispersá-los e matar o Atrida,  
ou iria cessar a raiva e conter o ânimo.  
Enquanto revolvia isso no juízo e no ânimo  
e tirava a grande espada da bainha, chegou Atena  
195 do céu; a deusa a enviara, Hera alvos-braços,  
que no ânimo gostava igual de ambos e deles cuidava.  
Parou atrás do Pelida e puxou sua loira cabeleira,  
aparecendo só para ele; ninguém mais a viu.  
Aquiles voltou-se, pasmo, e de pronto reconheceu  
200 Palas Atena – seus olhos, terríveis, brilharam –,



**HOMERO** Poeta ao qual se atribuíram os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. É pouco provável que um poeta com esse nome tenha existido, e não é mais possível reconstruir, com um mínimo de precisão, o processo pelo qual, entre os séculos VIII e VI a.C., o texto dos poemas adquiriu a forma na qual hoje são lidos. Uma das razões é que quase nada sabemos acerca do uso da escrita na Grécia no século VIII a.C., nem por que nem quando alguém teve a ideia de *escrever* um poema, já que performances poético-musicais faziam parte do cotidiano grego, ou seja, ainda no século V a.C., esse era o modo principal de recepção de uma composição poética. Por muito tempo, a poesia oral épica era composta no momento mesmo de sua apresentação. Muitos estudiosos modernos creem que um poeta muito bom tenha desenvolvido, com o uso da escrita, um poema monumental – a *Ilíada* –, e que, quando se apresentava diante do público, deixava de improvisar episódios individuais da tradição heroica grega e declamava trechos do poema, que passou a ser conhecido em toda a Grécia.

Se isso for verdade – e disso nunca teremos certeza –, então também é provável que outro poeta teria composto um segundo poema monumental, a *Odisseia*, tentando sobrepujar o autor da *Ilíada*. Fato é que, ainda no século VI a.C., “Homero”, na Grécia, era o nome associado a um gênero poético, o épico, e a ele também eram atribuídos outros poemas. Somente no século V a.C. a *Ilíada* e a *Odisseia* adquiriram, em Atenas, um estatuto canônico tal que todo poema épico posterior passou a ser medido em relação a eles ou a emulá-los. Não à toa várias cidades gregas disputaram, desde cedo, a honra de ter sido a terra natal do bardo. Outra história que se conta sobre ele é que era cego, assim como seu confrade Demódoco, personagem da *Odisseia*. Para tornar vivo o passado heroico, o poeta, se abençoado pelas Musas, não precisaria ter visto nada do que conta. Dizer que Homero era cego é apontar para características da própria tradição épica.

## SOBRE O TRADUTOR

**CHRISTIAN WERNER** Professor livre-docente de língua e literatura grega na Universidade de São Paulo, é autor da monografia *Memórias da guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero* (Coimbra, 2018) e de traduções de Eurípides e Hesíodo, além de artigos e capítulos de livro sobre diversos aspectos da literatura grega arcaica e clássica e de sua recepção na modernidade, especialmente em João Guimarães Rosa.

Colagens ODIRES MLÁSZHO

Coordenação editorial MARIA EMILIA BENDER

Diretor editorial SESI-SP RODRIGO DE FARIA E SILVA

Preparação MARIANA DELFINI, MARIA EMILIA BENDER

Revisão CLÁUDIA CANTARIN, MARIA FERNANDA ALVARES, ISABELA SANCHES

Design ELAINE RAMOS, GABRIELA CASTRO

Assistente de design LIVIA TAKEMURA

Reproduções fotográficas EDOUARD FRAIPONT

Tratamento de imagem IPSIS

Produção gráfica LILIA GÓES

© Ubu Editora, 2018

© SESI-SP Editora, 2018

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Ilíada: Homero

Tradução: Christian Werner

Colagens: Odiros Mlászho

São Paulo: Ubu Editora/SESI-SP Editora, 2018

704 pp.

ISBN UBU EDITORA 978 85 92886 92 9

ISBN SESI-SP EDITORA 978 85 504 1059 3

1. Literatura grega 2. Poesia épica clássica

I. Werner, Christian.

---

821-1402

CDD-883.1

---

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura grega: Poesia épica: 883

---

SESI-SP EDITORA

Avenida Paulista, 1.313, 4º andar

01311-923 São Paulo SP

[11] 3146 7308

editora@sesisenaisp.org.br

www.sesispeditora.com.br

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

[11] 3331 2275

ubueditora.com.br



TRADUÇÃO **CHRISTIAN WERNER**

**ODISSEIA** HOMERO



11	<b>Apresentação</b> Richard P. Martin
63	<b>Introdução</b> Christian Werner
99	<b>Da tradução</b>
119	<b>Personagens principais</b>

123 **ODISSEIA**

609	<b>Posfácio</b> Luiz Alfredo Garcia-Roza
617	<b>O silêncio das sereias</b> Franz Kafka
619	<b>Ítaca</b> Konstantinos Kaváfis
621	Glossário de nomes próprios
627	Bibliografia
635	Sobre o autor
636	Sobre o tradutor
637	Agradecimentos

1

Do varão me narra, Musa, do muitas-vias, que muito  
vagou após devastar a sacra cidade de Troia.  
De muitos homens viu urbes e a mente conheceu,  
e muitas aflições sofreu ele no mar, em seu ânimo,  
5 tentando garantir sua vida e o retorno dos companheiros.  
Nem assim os companheiros socorreu, embora ansiasse:  
por iniquidade própria, a deles, pereceram,  
tolos, que as vacas de Sol Hipérion  
devoraram. Esse, porém, tirou-lhes o dia do retorno.  
10 De um ponto daí, deusa, filha de Zeus, fala também a nós.  
Os outros todos que escaparam do abrupto fim  
estavam em casa, após escapar da guerra e do mar.  
Somente a ele, do retorno privado e da mulher,  
detinha Augusta Ninfa, Calipso, deusa divina,  
15 em cava gruta, almejando que fosse seu esposo.  
Mas quando o ano chegou e os ciclos volveram-se,  
os deuses destinaram-lhe a casa retornar,  
rumo a Ítaca, e nem lá escapou de provas,  
e estava entre os seus. Os deuses se apiedavam, todos,  
20 salvo Posêidon. Incansável, manteve o ímpeto



contra o excelso Odisseu até esse em sua terra chegar.  
Porém aquele foi ter com etíopes, distantes moradores –  
etíopes, divididos em dois grupos, varões dos extremos:  
25 uns, onde Hipérion mergulha, outros, onde levanta –,  
para aceitar hecatombe de touros e carneiros.  
Nisso deleitava-se, sentado no banquete; e os outros,  
no palácio de Zeus Olímpio, estavam reunidos.  
Entre eles tomou a palavra o pai de varões e deuses;  
lembrara-se, no ânimo, do impecável Egisto,  
30 a quem matou o filho de Agamêmnon, o afamado Orestes.  
Dele lembrou-se e entre os imortais palavras enunciou:  
“Incrível, não é que os mortais responsabilizam aos deuses?  
Dizem de nós vir os males; mas eles também por si mesmos,  
graças a sua iniquidade, além do quinhão têm aflições,  
35 como agora Egisto: além do quinhão, do filho de Atreu  
desposou a lédima esposa, e a ele, que retornara, matou,  
sabendo do abrupto fim, pois já lhe disséramos,  
enviando Hermes, o Argifonte aguda-mirada,  
que não o matasse nem cortejasse a consorte:  
40 ‘Por Orestes se dará a vingança pelo filho de Atreu  
quando tornar-se jovem e desejar sua terra’.  
Assim falou Hermes, mas não persuadiu,  
benevolente, o juízo de Egisto. Agora tudo junto pagou”.  
Respondeu-lhe a deusa, Atena olhos-de-coruja:  
45 “Nosso pai Cronida, supremo entre poderosos,  
deveras jaz esse aí em merecido fim;  
assim também pereça todo que isso fizer.  
Mas pelo atilado Odisseu dilacera-se meu coração,  
pelo desditoso; longe dos seus, há muito sofre misérias  
50 em ilha correntosa, onde fica o umbigo do mar,

ilha arvorejada, onde uma deusa habita,  
filha de Atlas juízo-ruinoso, que do mar  
todo as profundas conhece, e ele mesmo sustém pilares  
grandes que mantêm a terra e o páramo separados.  
55 Sua filha segura o desgraçado, lamentador,  
e sempre com moles e solertes contos  
tenta enfeitiçá-lo para Ítaca olvidar. Mas Odisseu,  
ansiando somente mirar fumaça irrompendo  
de sua terra, deseja morrer. Para ele nem assim  
60 aponta teu coração, Olímpio? Acaso Odisseu,  
junto às naus argivas, não te agradou com caros sacrifícios  
na larga Troia? Por que contra ele esse ódio, Zeus?”.  
Respondendo, disse-lhe Zeus junta-nuvens:  
“Minha filha, que palavra te escapou da cerca de dentes!  
65 Como eu, nesse caso, esqueceria o divino Odisseu,  
aos mortais superior na mente e nos sacrifícios dados  
aos deuses imortais, que dispõem do amplo céu?  
Mas Posêidon sustém-terra em nada diminui  
sua ira pelo ciclope, de quem Odisseu o olho cegou,  
70 o excelso Polifemo, cuja robustez supera  
a de todos os ciclopes. Gerou-o Toossa, a ninfa,  
filha de Fórcis, que cuida do mar ruidoso,  
unida a Posêidon em côncava gruta.  
Depois disso, a Odisseu Posêidon treme-solo  
75 não tenta matar, mas faz vagar longe da pátria.  
Vamos, todos nós aqui planejemos  
o retorno, para que chegue. Posêidon porá de lado  
sua ira, pois por certo não poderá, contra todos  
os deuses imortais em oposição, brigar sozinho”.  
80 Respondeu-lhe a deusa, Atena olhos-de-coruja:

“Nosso pai Cronida, supremo entre poderosos,  
se isso agora é caro aos deuses ditosos,  
que retorne Odisseu muito-juízo a sua casa,  
e Hermes, então, o condutor Argifonte,  
85 instiguemos à ilha Ogígia para, sem demora,  
à ninfa belas-tranças anunciar o firme desígnio,  
o retorno de Odisseu juízo-paciente, para que retorne.  
Mas eu partirei para Ítaca a fim de seu filho  
mais instigar e ímpeto pôr em seu peito:  
90 que à ágora chame os aqueus cabelo-comprido  
e anuncie a todos os pretendentes, que sempre abatem  
suas copiosas ovelhas e lunadas vacas trôpegas.  
Vou enviá-lo a Esparta e à arenosa Pilos  
para do retorno do caro pai se informar, caso algo ouvir,  
95 e que pertença-lhe distinta fama entre os homens”.  
Após falar assim, atou aos pés belas sandálias,  
imortais, douradas, que a levavam sobre as águas  
e sobre a terra sem-fim como lufadas de vento.  
Tomou a brava lança, afiada com ponta de bronze,  
100 pesada, grande, robusta, com que subjuga filas de varões  
heróis contra quem tem rancor, a de pai ponderoso.  
E partiu, dos cumes do Olimpo lançou-se  
e parou na cidade de Ítaca, no pórtico de Odisseu,  
no umbral do pátio, e na palma trazia lança brônzea,  
105 na forma de um aliado, o líder dos táfios, Mentés.  
Achou, claro, os arrogantes pretendentes; eles  
com pedras, diante das portas, deleitavam o ânimo,  
sentados no couro de bois que eles mesmos abateram.  
Para eles os arautos e ágeis assistentes  
110 misturavam, uns, vinho e água nas ânforas,

outros, com esponjas esburacadas, mesas  
lavavam e dispunham, e muita carne partiam.  
Primeiro a vê-la foi o deiforme Telêmaco;  
sentado entre pretendentes, agastado no coração,  
115 no íntimo mirava o distinto pai: ao voltar um dia,  
fizesse esses pretendentes pela casa se dispersar,  
retomasse ele mesmo sua prerrogativa e regesse sua casa.  
Enquanto refletia, sentado entre os pretendentes, viu Atena.  
Foi logo ao pórtico, indignado no ânimo  
120 por um hóspede tardar nos portões. Parado perto,  
apertou-lhe a mão direita, tomou a lança brônzea  
e, falando, dirigiu-lhe palavras plumadas:  
“Saudação, estranho, por nós serás acolhido. Depois,  
após tomar parte no jantar, enunciarás o que precisas”.  
125 Assim falou, tomou a frente, e seguiu-o Palas Atena.  
Quando eles estavam dentro da alta casa,  
ela a lança postou, levando-a até um grande pilar,  
dentro de um guarda-lança bem-polido, onde outras  
lanças de Odisseu juízo-paciente havia, muitas;  
130 a ela ele guiou à poltrona na qual estendera um tecido,  
bela, artificiosa; embaixo, para os pés, banqueta.  
Ao lado, para si, pôs variegada cadeira, longe dos outros  
pretendentes, para o estranho, agastado com o alarido,  
não se enfastiar do jantar, em meio a soberbos,  
135 e para que o interrogasse acerca do pai ausente.  
Uma criada despejou água – trazida em jarra  
bela, dourada – sobre bacia prateada  
para que se lavassem; ao lado estendeu polida mesa.  
Governanta respeitável trouxe pão e pôs na frente,  
140 e, junto, muitos petiscos, oferecendo o que havia.

O trinchador tomou e dispôs gamelas com carnes  
de todo tipo, e junto deles punha taças douradas;  
e para eles o arauto vinha, amiúde, escançar o vinho.  
E entraram os arrogantes pretendentes. Então esses  
145 em ordem sentaram-se em cadeiras e poltronas.  
Para eles os arautos vertiam água nas mãos,  
e pão as escravas, à frente, amontoavam em cestas,  
[e moços preencheram ânforas com bebida  
148<sup>a</sup> e a todos distribuíam após verter as primícias nos cálices].  
E eles esticavam as mãos sobre os alimentos servidos.  
150 Mas após apaziguarem o desejo por bebida e comida,  
aos pretendentes interessou, no peito, outra coisa,  
canto e dança, esses, o suplemento do banquete.  
Lira muito bela um arauto pôs nas mãos  
de Fêmio, que cantava aos pretendentes, obrigado.  
155 E ele, dedilhando a lira, entoou belo prelúdio,  
mas Telêmaco dirigiu-se a Atena olhos-de-coruja,  
perto pondo a cabeça, para não os ouvirem os outros:  
“Caro hóspede, te indignarás contra minha fala?  
Bem, a eles isto interessa, lira e canto;  
160 é fácil, pois comida de outrem devoram de graça,  
do varão cujos ossos brancos já apodrecem na chuva,  
jazendo em terra firme, ou ondas no mar os fazem rolar.  
Se vissem que a Ítaca esse homem retornou,  
todos rezariam para ser mais ligeiros nos pés  
165 que mais abastados com ouro e vestes.  
Não, está morto assim, vil quinhão, e não temos  
consolo, ainda que algum dos homens terrestres  
afirme que voltará: perdeu-se seu dia de retorno.  
Mas vamos, diz-me isto e conta com precisão:

170 quem és? De que cidade vens? Quais teus ancestrais?  
Chegaste em que nau? Como os nautas a ti  
conduziram até Ítaca? Quem proclamaram ser?  
De modo algum creio que a pé aqui chegaste.  
A mim diz isto, a verdade, para eu bem saber,  
175 se é tua primeira visita, ou se já és aliado  
da família, pois muitos varões vinham a nossa casa,  
outros, pois ele buscava a companhia de homens”.  
A ele, então, replicou a deusa, Atena olhos-de-coruja:  
“Portanto a ti, com muita precisão, isso direi.  
180 Proclamo ser Mentos, do atilado Anquíalo  
o filho, e reino sobre o povo táfio.  
Cheguei há pouco com nau e companheiros,  
singrando o vinoso mar rumo a homens outra-língua,  
até Temessa atrás de bronze, e levo ardente ferro.  
185 Minha nau está aqui no campo, longe da cidade,  
na baía de Rêitron, sob o Néion coberto de mato.  
Aliados proclamamos ser, um da família do outro,  
há tempo, caso ao ancião perguntares, indo até ele,  
ao herói Laerte, do qual se diz que não vem mais  
190 à cidade, mas distante, no sítio, sofre misérias  
com velha criada que, a ele, comida e bebida  
dispõe quando a fadiga se apossa de seus membros,  
arrastando-se pelo seu fértil vinhedo no morro.  
Então vim, pois falaram que ele estava na cidade,  
195 teu pai; mas eis que deuses o tiraram do caminho.  
Não está morto sobre a terra, o divino Odisseu,  
mas, ainda vivo, creio, é retido no extenso mar,  
em ilha correntosa, e homens cruéis o detêm,  
selvagens, que algures o seguram contra a vontade.

**HOMERO** Poeta ao qual se atribuíram os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. É pouco provável que um poeta com esse nome tenha existido, e não é mais possível reconstruir, com um mínimo de precisão, o processo pelo qual, entre os séculos VIII e VI a.C., o texto dos poemas adquiriu a forma na qual hoje são lidos. Uma das razões é que quase nada sabemos acerca do uso da escrita na Grécia no século VIII a.C., nem por que nem quando alguém teve a ideia de *escrever* um poema, já que performances poético-musicais faziam parte do cotidiano grego, ou seja, ainda no século V a.C., esse era o modo principal de recepção de uma composição poética. Por muito tempo, a poesia oral épica era composta no momento mesmo de sua apresentação. Muitos estudiosos modernos creem que um poeta muito bom tenha desenvolvido, com o uso da escrita, um poema monumental – a *Ilíada* –, e que, quando se apresentava diante do público, deixava de improvisar episódios individuais da tradição heroica grega e declamava trechos do poema, que passou a ser conhecido em toda a Grécia.

Se isso for verdade – e disso nunca teremos certeza –, então também é provável que um outro poeta teria composto um segundo poema monumental, a *Odisseia*, tentando sobrepujar o autor da *Ilíada*. Fato é que, ainda no século VI a.C., “Homero”, na Grécia, era o nome associado a um gênero poético, o épico, e a ele também eram atribuídos outros poemas. Somente no século V a.C. a *Ilíada* e a *Odisseia* adquiriram, em Atenas, um estatuto canônico tal que todo poema épico posterior passou a ser medido em relação a eles ou a emulá-los. Não à toa várias cidades gregas disputaram, desde cedo, a honra de ter sido a terra natal do bardo. Outra história que se conta sobre ele é que era cego, assim como seu confrade Demódoco, personagem da *Odisseia*. Para tornar vivo o passado heroico, o poeta, se abençoado pelas Musas, não precisaria ter visto nada do que conta. Dizer que Homero era cego é apontar para características da própria tradição épica.

**CHRISTIAN WERNER** Professor livre-docente de língua e literatura grega na Universidade de São Paulo, é autor da monografia *Memórias da guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero* (Coimbra, 2018) e de traduções de Eurípides e Hesíodo, além de artigos e capítulos de livro sobre diversos aspectos da literatura grega arcaica e clássica e de sua recepção na modernidade, especialmente em João Guimarães Rosa.

## CRÉDITOS

A apresentação de Richard P. Martin foi originalmente publicada em *The Odyssey* (tradução para o inglês de Edward McCrorie) e aqui traduzida com a permissão de Johns Hopkins University Press. © 2004 Johns Hopkins University Press.

O posfácio do escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza foi escrito especialmente para a primeira edição, publicada pela Cosac Naify.

“O silêncio das sereias” foi escrito em 23 de outubro de 1917, publicado em *Beim Bau der chinesischen Mauer und andere Schriften aus dem Nachlaß (in der Fassung der Handschrift)*. Frankfurt am Main: Fischer, 1994.

“Ítaca” foi escrito em 1911 e integra o livro *Poemas. Seleção, estudo crítico, notas e tradução de José Paulo Paes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

A editora agradece a Sergio Telarolli por ceder gentilmente a tradução de “O silêncio das sereias”, de Franz Kafka, e a Dora Paes e a Editora José Olympio pela tradução de “Ítaca” de Konstantinos Kaváfis.

© Ubu Editora, 2018

Colagens ODIRES MLÁSZHO

Coordenação editorial MARIA EMILIA BENDER  
Assistente editorial ISABELA SANCHES  
Preparação MARIANA DELFINI  
Revisão THIAGO LINS, CLÁUDIA CANTARIN  
Design ELAINE RAMOS, GABRIELA CASTRO  
Assistente de design LIVIA TAKEMURA  
Reproduções fotográficas NINO ANDRÉS  
Tratamento de imagem IPSIS  
Produção gráfica LILIA GÓES

*Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Odisseia: Homero  
Tradução e introdução: Christian Werner  
Colagens: Odiros Mlászho  
São Paulo: Ubu Editora, 2018  
640 pp.

ISBN 978 85 92886 15 8

1. Literatura grega 2. Poesia épica clássica I. Werner, Christian. II. Martin, Richard P. III. Garcia-Roza, Luiz Alfredo IV. Kafka, Franz V. Kaváfis, Konstantinos.

821.1402

CDD-883

---

Índices para catálogo sistemático:  
I. Literatura grega: Poesia épica: 883

---

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

[11] 3331 2275

ubueditora.com.br